

EFEITO DE SENTIDO DE PERTENCIMENTO À ANÁLISE DE DISCURSO*

Roberto Leiser BARONAS•
(baronas@uol.com.br)
(UNEMAT/UFMT-MeEL)

-- Boas notícias...
Hoje vamos comer
uma galinha muito
bem passada!
-- Ela deixou a galinha
queimar de novo...
Mother Goose

1. Breve “cartografia” da noção de efeito de sentido em Análise do Discurso

Início este meu texto falando do lugar do principiante em história do discurso, correndo todos os riscos que essa posição enunciativa traz como consequência.

A noção de efeito de sentido está ligada umbilicalmente desde a sua gênese à noção de discurso. Guillaume em meados dos anos sessenta foi o primeiro a propor essa relação visceral entre sentido e discurso. Sua hipótese era a de que língua/discurso se constitui numa oposição completamente distinta da oposição língua/fala postulada por Saussure no início do século XX. No entender de Guillaume (1964 apud Boone e Joly, 1996) “dado que o discurso é o lugar do observável e a língua, um lugar de reconstrução teórica que corresponde a um movimento natural do pensamento, os efeitos de sentido nada mais são do que o resultado dos valores atribuídos pelo discurso ao significado em língua”.

* Uma versão bastante modificada deste texto foi apresentada na mesa redonda *Bakhtin, Pêcheux e Foucault: é preciso escolher nossas heranças*, no dia 28 de julho de 2005, durante a realização do 53º Seminário do GEL, na Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR/SP.

Essa noção despida de seu caráter psicologizante tal qual proposto por Guillaume é trazida por Michel Pêcheux no finalzinho dos anos sessenta para o campo da então nascente “teoria do efeito de discurso”. O Caráter histórico dos sentidos começava a tomar corpo. Assevera Pêcheux no artigo *Léxis e Metaléxis.*, escrito a quatro mãos com Catherine Fuchs:

Le fonctionnement du langage a ses multiples niveaux interdit la dichotomie simplificatrice entre la langue (conçue comme système nécessaire) et la parole (notion baptisant, sans l’expliquer, la distance entre cette nécessité du système et la fameuse ‘liberté du locuteur’) : en fait il importe de reconnaître que ces niveaux de fonctionnement du langage sont eux-mêmes soumis a des règles, mais que l’appréhension de ces règles échape (partiellement) au linguiste, dans la mesure où des déterminations non linguistiques (par exemple des effets institutionnels liés aux propriétés d’une formation sociale) entrent nécessairement en jeu. Il ne s’agit nullement de remettre en cause l’idée selon laquelle ‘la langue n’est pas une superstructure’ (au sens marxiste de ce mot) mais d’avancer que les formations discursives sont, elles, fondamentalement liées aux superstructures, à la fois comme effets et comme causes. Une théorie de ‘l’effet de discours’ ne peut ignorer ce point, quelle que soit par ailleurs la manière dont elle formule son objet (sous la forme d’une ‘pragmatique’ d’une ‘rhétorique’ ou d’une ‘stratégie de la argumentation’) (PÊCHEUX & FUCHS, 1968, p. 32) (grifos meus).

Em 1971, no artigo *A Semântica e o corte saussureano: língua, linguagem e discurso*, escrito a seis mãos por Pêcheux, Henry e Haroche, esta noção é definitivamente reconfigurada à luz do materialismo histórico e trazida para a *Análise do Discurso*, evidenciando o caráter necessariamente histórico dos sentidos. Nos dizem Pêcheux et al:

Nous avancerons, en nous appuyant sur un grand nombre de remarques contenues dans ce qu'on appelle "les classiques du marxisme" que les formations idéologiques ainsi définies comportent nécessairement, comme une de leurs composants, une ou plusieurs formations discursives interreliées, qui déterminent ce qui peut et doit être dit (articule sous la forme d'un harangue, d'un sermon, d'un pamphlet, d'un exposé, d'un programme, etc.) à partir d'une position donnée dans conjoncture donnée: le point essentiel ici est qu'il ne s'agit pas seulement de la nature des mots employés, mais aussi (et surtout) des constructions dans lesquelles ces mots se combinent, dans la mesure où elles déterminent la signification que prennent ces mots: comme nous l'indiquions en commençant, les mots changent de sens selon les positions tenues par ceux qui les emploient; on peut préciser maintenant: les mots "changent de sens" en passant d'une formation discursive à une autre. (PÊCHEUX, 1971, p. 148) (grifos do autor).

Em Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio, Pêcheux assevera que o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc não existe 'em si mesmo', ou seja, colado ao significante, mas ao contrário é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Para Pêcheux a ideologia é a matriz do sentido:

as palavras, expressões, proposições... mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é em relação às formações ideológicas. (PÊCHEUX, 1995, p. 160)

No seu último texto, Discurso: estrutura ou acontecimento? Michel Pêcheux ao considerar o equívoco como constitutivo da língua e que, portanto não existe ritual sem falha, nos diz:

Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, lingüisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. (PÊCHEUX, 1997, p. 53)

Se até 1975 a ideologia era a matriz do sentido para Pêcheux, no seu último texto de 1983, ela passa a ser considerada como uma das suas condições de possibilidade. Se antes tínhamos a ideologia como determinante dos sentidos, temos a partir dos anos oitenta “pontos de deriva, oferecendo lugar à interpretação”. Feita essa breve “cartografia” da noção de efeito de sentido passemos agora ao objetivo deste trabalho. Procuo verificar a luz dessa noção por quais razões tantos estudos lingüísticos e literários atuais buscam produzir um efeito de pertencimento à Análise de Discurso.

Quando lemos diversos trabalhos e/ou resumos atuais que procuram pertencer a Análise de Discurso de orientação francesa, publicados nos mais diversos anais e/ou cadernos de resumos tanto de eventos nacionais¹ quanto de eventos internacionais, é possível constatar a recorrência do enunciado ou de suas paráfrases: este trabalho se fundamenta na análise do discurso francesa a partir das idéias de Bakhtin, Pêcheux e Foucault. Numa leitura acurada dos trabalhos, no entanto, é possível constatar a presença de conceitos que pertencem desde a Retórica Aristotélica até conceitos advindos da Análise da Conversação, conceitos esses forjados em bases

¹ Em uma rápida pesquisa que realizamos no Caderno de Resumos do 52º GEL de 2004 constatamos a existência de 80 resumos, distribuídos em 10 seminários de Análise de Discurso, desses, 23 resumos apresentam explicitamente no seu conteúdo o enunciado em análise. Por exemplo, “o aparato teórico são as idéias e proposições originárias da Análise de Discurso de linha francesa” ou “de acordo com os pressupostos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa”. Ao pesquisarmos, no entanto, os Anais do GEL, só que do XI Seminário, realizado em São José do Rio Preto em 1985, não há uma publicação sequer em Análise de Discurso.

epistêmicas, bastante divergentes daquelas da Análise de Discurso francesa.

Nossas hipóteses de trabalho para este texto, longe de tentar descrever e explicar o estado da arte da Análise de Discurso, propor perspectivas de trabalho para o que seria a “verdadeira” Análise de Discurso de orientação francesa ou instituir uma espécie de alfândega teórica do discurso, são discutir com um pouco mais de profundidade a presença reiterada deste pré-construído nos trabalhos que buscam pertencimento a Análise de Discurso. Essa busca pelo pertencimento ao “sintagma-grife” Análise de Discurso se constitui numa tentativa de legitimação desses trabalhos, buscando darem-se um pouco mais de autoridade, inserindo-se naquilo que seria o verdadeiro teórico da época? Ou ao contrário, tal pertencimento se constitui em mais um dos indícios da crise de identidade generalizada que afeta as divisões disciplinares tradicionais da lingüística e, por extensão afetaria também a Análise de Discurso? Ou ainda, tal pré-construído seria uma espécie de representação metonímica do pluralismo teórico inevitável enunciado por Franchi em 1994 no tocante à Lingüística e pelo qual a Análise de Discurso passa desde a morte de seu principal teórico, Michel Pêcheux, no início dos anos 80 na França? Para tal discussão, fazendo-os ranger, mobilizamos os trabalhos de Jean-Jacques Courtine (1999), Dominique Maingueneau (2005a e 2005b) e Guilhaumou (2005a e 2005b).

2. Tentativa de pertencimento ao “sintagma-grife” Análise de Discurso

Acredito inicialmente que poderíamos tentar dar conta minimamente dessa problemática pensando essa busca como uma espécie de tentativa de diálogo contratual com um macro-discurso citado e legitimado pela comunidade científica, sobretudo a que se debruça sobre o funcionamento discursivo da linguagem. Em um trabalho ainda inédito aqui no Brasil, publicado na Revista Langages 156, em 2004, sob o título de *Hyperénonciateur et participation*²,

² Tradução brasileira Fábio César Montanheiro & Roberto Leiser Baronas publicada sob o título de *A noção de hiperenunciador* em novembro de 2005 na revista na Polifonia nº 10 do Mestrado em Estudos de Linguagem - MeEL da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT.

Dominique Maingueneau aborda uma problemática semelhante, evocando um conjunto de ocorrências de citações “sem autor”, certamente bem conhecidas em sua essência, mas que, não foram tratadas conjuntamente. Ele as agrupa sob um mesmo sistema, ao qual denomina de particitação. O autor neste trabalho não analisa detalhadamente as marcações enunciativas nem propõe um modelo preciso dos fenômenos evocados. Isso segundo o autor poderia parecer prematuro, considerando o baixo grau de estabilidade desse campo. Trata-se, na verdade, de um primeiro esboço que busca lançar um olhar diferente sobre fenômenos que geralmente são abordados por meio de outras perspectivas.

Neste trabalho, Dominique Maingueneau ao analisar gêneros “sem autor” como o provérbio, o adágio jurídico, o slogan, o thesaurus bíblico, entre outros procura evidenciar que nesses gêneros é possível constatar, além dos “locutores empíricos, os indivíduos que compõem o grupo e, do ator coletivo do qual esses locutores empíricos participam: um partido, um conjunto de manifestantes, uma associação” a existência de um terceiro nível de enunciação o qual denomina de hiperenunciador. Trata-se de uma instância enunciativa que “funda os diversos pontos de vista expressos por esse ator: “a Esquerda”, “a Nação”, “o Clube”, etc”. Desse modo, “enquanto [o ator coletivo] tem por referente grupos de locutores que formam uma organização em um momento e lugar determinados, [o hiperenunciador] tem por referente entidades de alguma forma transcendentais” que em última instância é quem validam as enunciações.

O autor distingue dois tipos de hiperenunciador: o individuado e o “genérico”. “Quando o hiperenunciador é individuado (Deus, por exemplo) ou quando se trata de um tipo de um SUJEITO UNIVERSAL dóxico (provérbios, adágios...), pode-se lhe atribuir à responsabilidade de conteúdos proposicionais. Com um hiperenunciador individuado, a explicitação desses conteúdos deve passar por uma hermenêutica mais ou menos codificada: o que Deus nos quer dizer com isso? Por outro lado, quando não se trata de um hiperenunciador individuado ou dóxico (corpus humanista, contos populares, orações...), a situação é mais delicada. Trata-se, neste caso, mais de uma instância responsável por uma memória do que

uma consciência propriamente dita. Certamente, fala-se comumente de “espírito” de um grupo, mas trata-se de um ethos mais ou menos especificado, não de conteúdos proposicionais. No limite, isso pode ser uma identidade sem propriedades semânticas especificadas: particitar um verso de um poeta célebre, por exemplo, corresponde a mobilizar uma instância de hiperenunciação inominável, aquela que dá sustentação ao patrimônio artístico, cultural, etc de uma comunidade”.

Embora Maingueneau desenvolva os conceitos de hiperenunciador e particitação a partir da análise de gêneros discursivos “sem um autor específico”, acredito que esses conceitos possam ser mobilizados para pensar um tipo especial de citação que é a citação de pertencimento. Nesse tipo de citação, os enunciadores produzem seu discurso com base num discurso segundo, objetivando partilhar do capital simbólico³ concentrado no interdiscurso. Este trabalho se fundamenta na análise do discurso francesa a partir das idéias de Bakhtin, Pêcheux e Foucault aos olhos da comunidade científica que estuda a linguagem é uma voz que possui uma eficácia simbólica, isto é, essa prática analítica é reconhecida pela comunidade científica como uma prática habilitada a produzir esse tipo de discurso. A sua mobilização por um outro enunciador busca justamente partilhar de sua respeitabilidade e de sua visibilidade. Esses efeitos não seriam os mesmos se o enunciador mobilizasse uma prática analítica que se filia a uma lingüística estrutural, por exemplo.

Com base em Maingueneau (2004) podemos dizer que o pré-construído este trabalho se fundamenta na análise do discurso francesa a partir das idéias de Bakhtin, Pêcheux e Foucault seria uma espécie de hiperenunciador particitado pelo enunciador para mobilizar uma espécie de tesaurus de saberes discursivos, uma hiperenunciação que garante a legitimidade da enunciação não pelo que é enunciado, mas principalmente por um sujeito universal que fala por meio do enunciador. Ou seja, o enunciador ao mobilizar esse tesaurus de saberes discursivos além de mostrar ao seu destinatário o seu pertencimento a uma determinada comunidade

³ Como bons ladrões de palavras, tomamos de empréstimo esse conceito de Pierre Bourdieu, 1996.

enunciativa busca gozar da mesma autoridade dos seus enunciadores legitimados.

Diante do que foi dito, poderíamos asseverar que essa busca pelo pertencimento ao “sintagma-grife” Análise de Discurso se constitui muito mais num problema sociológico do que num problema epistemológico. Essa hipótese, entretanto desconsidera entre outras questões a escrita da história da própria Análise de Discurso. Desconsideração essa que nos autoriza a questionar: em que medida a Análise de Discurso, pela sua própria natureza transdisciplinar - lingüística, marxismo e psicanálise, pelo seu interesse por temáticas que estariam mais próximas dos pesquisadores, a mídia com as profundas transformações pelas quais têm passado nos últimos anos, por exemplo e, também pela sua falta de um aparelhamento conceitual e metodológico “mais forte” não se constitui ela mesma como reconhece D. Schiffrin (1994, p.407) “numa das zonas mais vastas e menos definidas da lingüística”? O que implicaria ver a Análise de Discurso como uma espécie de caleidoscópio teórico-metodológico das discursividades.

3.Uma crise de identidade generalizada

Ao olharmos com um pouco mais de profundidade as bases epistêmicas que constituem as mais diversas Ciências Humanas e Sociais na atualidade podemos perceber a existência de um diálogo epistêmico bastante intenso entre elas. Ciências que até bem pouco tempo atrás primavam por certo purismo epistêmico, procurando salvaguarda-lo a todo custo com hipóteses ad hoc e com isso construindo o que Lakatos (1970) denomina de “cinto de proteção”, atualmente vêm tentando compatibilizar aquilo que seria inconciliável⁴. A irrupção de conceitos como os de interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, multidisciplinaridade e mais do que isso a recomendação das políticas de pesquisa formuladas pelas companhias de fomento quer sejam privadas ou

⁴ Tomo com exemplo de compatibilização de bases epistêmicas inconciliáveis trabalhos que buscam, por exemplo realizar uma interface entre Análise de Discurso francesa caracterizada por práticas analíticas teórico-abstratas que procuram compreender o funcionamento discursivo de campos discursivos como o discurso religioso, o político, o pedagógico, entre outros e a Análise Crítica do Discurso anglo-saxã caracterizada por práticas analíticas mais empiristas, cujo objetivo é trabalhar com espaços discursivos em que se evidenciam práticas sexistas, racistas, entres outras.

estatais para que os trabalhos de pesquisa sejam cada vez mais inter; trans e multidisciplinares potencializam a existência de fronteiras epistêmicas bastante fluidas entre as Humanidades. O próprio termo Humanidades é emblemático dessa interação epistêmica atual entre as Ciências Humanas e Sociais.

No caso específico da Análise de Discurso o dispositivo teórico-político tal qual fora pensado por Pêcheux e seu grupo no final dos anos sessenta ao caminhar de uma Análise do Discurso para uma Análise de Discurso, principalmente depois da sua morte em 1983, justamente para dar conta de outros objetos discursivos que não só o político foi sendo gradativamente desviado do seu percurso primeiro, que era o de articular lingüística e história, tomando uma configuração que se aproximou cada vez mais das perspectivas formalistas, as quais, no fundo, concebem o discurso como um exemplo de língua. A ênfase cada vez maior em uma abordagem empirista em detrimento de uma prática analítica teórico-abstrata teria a ver também com certa confusão entre discurso e Análise de Discurso, ou seja, haveria uma identificação espontânea entre o objeto empírico e a disciplina que estuda esse objeto. Embora aparentemente boa, a hipótese levantada não se sustenta.

Acredito que tal mutação é devida em grande parte, não só por essa confusão que identifica objeto e disciplina e pela crise do marxismo, mas, principalmente, pela própria modificação na “ordem dos discursos” no decorrer dos últimos trinta anos. “As mudanças políticas, a evolução das sensibilidades, as mutações tecnológicas conturbaram os regimes de discursividade das sociedades ocidentais contemporâneas” (Courtine, 1999, p. 12). Dizendo de outro modo as palavras de Courtine, as transformações das análises de discursos são de algum modo o reflexo das mutações que o próprio discurso como objeto de estudo vem sofrendo. Assim no entender de Courtine (1999, p. 12)

Não se faz a mesma Análise do Discurso político, quando a comunicação política consiste em comícios reunindo uma multidão em torno de um orador e quando toma a forma de talk-shows televisivos aos quais cada um assiste em casa. Também não se faz a mesma

Análise do Discurso independentemente dos preconceitos, das compartimentalizações sociais e ideológicas, das polêmicas antigas ou recentes; tudo isso exerce suas restrições sobre o discurso das ciências humanas, na escolha de seus temas, na definição dos objetivos, na produção de recortes formais.

Penso que nós analistas de discurso na tentativa de dar conta do objeto multissemiótico que se transformou o discurso nos últimos anos passamos a lançar mão de outros dispositivos teórico-analíticos que não somente aqueles forjados no interior de nossa própria epistemologia. Ademais, há trinta anos bastava apreender o discurso como um intrincamento de um texto e de um lugar social, atualmente na sociedade multimidiática em que vivemos é preciso, além disso, compreender, por exemplo, o papel, a natureza e a função da mídia na produção, circulação e recepção dos discursos.

4. Conclusões preliminares

A mudança na ordem dos discursos, no seu regime de materialidades seria então a responsável pela mudança nas práticas de análise das discursividades atuais. Jacques Guilhaumou em artigo ainda inédito⁵ aqui no Brasil, publicado nos Anais do evento *De l'analyse du discours à celle d'ideologie: les formations discursives*, realizado na Universidade de Montpellier em abril de 2002, sob o título de *Les historiens du discours et la notion-concept de formation discursive: récit d'une transvaluation immanente* procura evidenciar como um dos conceitos chaves da Análise de Discurso, o de formação discursiva, teria passado por um processo de transvaliação imanente até ser definitivamente abandonado pelos pesquisadores do discurso no início dos anos 80 na França. Assevera Guilhaumou (2005):

⁵ Tradução brasileira Nilton Milanez & Roberto Leiser Baronas, publicada sob o título de *A noção-conceito de formação discursiva: narrativa de uma transvaliação imanente* na Revista Ecos nº 3 da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

para dizer a verdade, a crítica do historiador do discurso remete, então, essencialmente, sobre o peso do metadiscurso que tende a colar o analista de discurso em uma exterioridade ideológica. Duvidosa em veicular insidiosamente esse metadiscurso, portanto, em tornar inacessível a materialidade própria dos textos, a noção de formação discursiva cai em desuso.

Além do caso dos historiadores do discurso, a formação do grupo de pesquisa “análise de discurso e leitura de arquivo”, em 1982, sob a direção de Michel Pêcheux, marca bem o momento em que essa noção desaparece do campo de reflexão dos analistas do discurso sempre tão preocupados com a materialidade discursiva. Para Jacques Guilhaumou uma nova operação de leitura, a leitura de arquivos, retornando à concepção de arquivo para Foucault, é singularmente valorizada. Ela tem a vocação de validar, problematizando-o, o trabalho do arquivo dos historiadores do discurso. Assistimos, portanto, a uma retirada do conceito de formação discursiva e de sua imposição externa em proveito dos recursos interpretativos internos ao arquivo: toda uma série de categorias descritivas toma o lugar do metadiscurso, entregue ao julgamento de saber da historiografia.

A noção-conceito de formação discursiva é preterida pelos analistas de discurso em prol de se pensar o que Michel Pêcheux (1981) denominou de “deslocamento tendencioso dos sujeitos enunciativos”. Assim, essa noção deixa o lugar para o sujeito empírico, um sujeito ao mesmo tempo ancorado em blocos de realidade e tomado em seus efeitos discursivos transversos. A dimensão teórica da análise de discurso se investe de construções abstratas vindas de materiais empíricos – na ocorrência dos elementos da língua empírica – coletadas com base em um espírito de pesquisa junto aos atores históricos. “Ela se articula, portanto, mais facilmente com uma história das práticas languageiras, evitando, assim, a taxionomia a priori dos discursos X,Y,Z que seriam a mesma coisa que formações discursivas” (Guilhaumou, 2005).

No interior mesmo da Análise de Discurso construiu-se uma abertura para se pensar não mais o discurso, mas as discursividades,

no entanto fugindo de toda e qualquer redução: do histórico ao político, do político ao ideológico, do ideológico ao discursivo, do discursivo ao sintático. Essa abertura possibilitou também a irrupção de diferentes práticas de análise de discurso. O próprio Michel Pêcheux em *Discurso: estrutura ou acontecimento?* fazendo referência a história do velho marxista que queria construir a sua biblioteca sozinho e, no entanto, era procurado por gente de todo o tipo oferecendo as mais diversas porcas, durante muito tempo dizia “deixem-me tranqüilo, deixem-me fazer meu trabalho, sem complicar ainda mais as coisas com suas porcas”. Entretanto, “agora nenhum marxista daria uma resposta parecida, pois hoje o marxismo procura casar-se, ou contrair relações extraconjugais...”

Mais do que buscar pertencimento ao “sintagma-grife” Análise de Discurso como forma de legitimação do trabalho, o pré-construído em análise evidencia que a Análise de Discurso passa por um processo semelhante ao que a Lingüística vem passando desde o final dos anos sessenta. Processo esse que foi descrito por Franchi (1994) como o de “pluralismo teórico na Lingüística”. Segundo o autor esse diálogo entre as “diversas lingüísticas seria inevitável, visto que o objeto de estudos da lingüística é extremamente complexo e permite visadas teóricas distintas”. Temos então um pluralismo teórico também na Análise de Discurso⁶. O que me autoriza a dizer que o pré-construído é muito mais uma representação metonímica de uma questão epistemológica mais ampla do que efetivamente um problema sociológico.

5.Referências bibliográficas

⁶ Referimo-nos aqui particularmente aos dicionários de Dominique Maingueneau e Patrick Charaudeau *Dictionnaire d'analyse du discours*, publicado pela *Éditions du Seuil*, Paris, 2002 e o organizado por Detrie, C; Siblot, P.; Verine, B. *Termes et concepts pour l'analyse du discours: une approche praxématique* Honoré Champion, Paris, 2001 e também ao nº 9 da Revista Eletrônica Francesa *Marges Linguistiques*, publicado em maio de 2005. Em todos esses suportes textuais é possível constatar a existência de conceitos e artigos das mais diversas correntes de Análise de Discurso. Por exemplo, na Revista Marges há um artigo de J. Guilhaumou, publicado sob o título de *Ou va l'analyse de discours? Autour de la notion de formation discursive*, participante ativo do Grupo de Análise de Discurso coordenado por Michel Pêcheux e um artigo de Norman Fairclough, publicado sob o título de *Critical Discourse Analysis*, considerado o criador da Análise Crítica do Discurso.

- BOURDIEU, P. Economia das trocas simbólicas: o que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 1996.
- BORGES NETO, J. Ensaios de filosofia da lingüística. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BOONE, A. & JOLY, A. Dictionnaire terminologique de la systématique du langage, Paris, L'Harmattan, 1996.
- COURTINE, J.J. O discurso inatingível : marxismo e lingüística (1965 – 1985). Trad. Heloisa Monteiro Rosário. Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n 6, 1999.
- CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. Dicionário de Análise do Discurso. Trad. Fabina Komesu et al. São Paulo, Contexto, 2004.
- FRANCHI, C. Lingüística no Brasil: o pluralismo necessário – resumo. Conferência apresentada no I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística, Salvador : Bahia, 1994.
- GUILHAMOU, J. Ou va l'analyse de discours? autour de la notion de formation discursive. In: Revista Eletrônica Marges Linguistiques, n° 9 maio de 2005. <http://www.marges-linguistiques.com>
- _____. Os historiadores do discurso e a noção-conceito de formação discursiva: narrativa de uma transvaliação imanente. Trad. Nilton Milanez & Roberto L. Baronas. In: Revista Ecos n° 3, Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, 2005 (no prelo).
- LAKATOS, I. O falseamento e a metodologia dos programas de pesquisa científica. In: LAKATOS & MUSGRAVE, 1970.
- MAINGUENEAU, D. L'analyse du discours et ses frontières. In: Revista Eletrônica Marges Linguistiques, n° 9 maio de 2005. <http://www.marges-linguistiques.com>
- _____. Introduction. In Revista Eletrônica Marges Linguistiques, n° 9 maio de 2005. <http://www.marges-linguistiques.com>
- _____. A noção de hiperenunciador. Trad. Fabio C. Montanheiro & Roberto L. Baronas. In: Revista Polifonia n° 10 – Mestrado em Estudos de Linguagem – Universidade Federal de Mato Grosso, 2005 (no prelo).
- PÊCHEUX, M. & FUCHS, C. Léxis et metaléxis. In: *La formalisation en linguistique, in Cahiers pour l'analyse, Editions du Seuil, n. 9, juillet 1968*, livro organizado por A. Culioli.

PÊCHEUX, M. & HENRY, P. & HAROCHE, C. *La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours*. Revue Langages, 24, 1971. (Tradução provisória Roberto Leiser Baronas).

PÊCHEUX, M. Ouverture. In: CONEIN, B et al Matérialités discursives. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981.

_____. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi et al. 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1975.

_____. O discurso: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Orlandi. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

POSSENTI, S. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIN, F. & BENTES, A. C. Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos, volume 3, São Paulo, Cortez, 2004.

SCHIFFRIN, D. *Aproaches to discourse*. Oxford, UK and Cambridge, USA: Blakwell, 1994.